

Jill Kolongowski

AS  
LIÇÕES  
DE VIDA  
DE  
HARRY  
POTTER



Descubra a Magia da Amizade,  
Família, Coragem e Amor

## NOTA IMPORTANTE AOS LEITORES

O presente livro é a obra de uma admiradora, independente e não autorizada. Não existiu qualquer aprovação, apoio ou ligação com J.K. Rowling, a respetiva editora ou outros detentores de direitos de autor ou marca registada, nem tal é de algum modo dito ou sugerido. Todas as referências feitas neste livro a personagens ou outros elementos dos livros de J.K. Rowling sujeitos a direitos de autor ou marca registada servem única e exclusivamente o propósito de fazer comentário, crítica, análise e discussão literária. As obras de J.K. Rowling referidas na edição original foram publicadas pela Scholastic Books (EUA), Raincoast Books (Canadá) e Bloomsbury Publishing (Reino Unido), e os leitores são incentivados a comprar e ler estes livros.

Todas as citações da edição portuguesa foram feitas a partir dos seguintes livros de J.K. Rowling, editados pela Editorial Presença:

- Harry Potter e a Pedra Filosofal*, 36.<sup>a</sup> edição, 2014 (1999)
- Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, 28.<sup>a</sup> edição, 2015 (2000)
- Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, 26.<sup>a</sup> edição, 2015 (2000)
- Harry Potter e o Cálice de Fogo*, 16.<sup>a</sup> edição, 2015 (2000)
- Harry Potter e a Ordem da Fénix*, 7.<sup>a</sup> edição, 2015 (2003)
- Harry Potter e o Príncipe Misterioso*, 3.<sup>a</sup> edição, 2015 (2005)
- Harry Potter e os Talismãs da Morte*, 4.<sup>a</sup> edição, 2015 (2007)

# ÍNDICE

Introdução .....	9
LUMOS: Descoberta, Espanto e Ceticismo.....	13
AGUAMENTI: Casa, Comida, Família e Sentido de Pertença.....	21
PRIOR INCANTATEM: Unir Gerações .....	33
FIDELIUS: Traição e Lealdade.....	45
LEGILIMENS: Boas Pessoas e Devoradores da Morte.....	55
SPECIALIS REVELIO: Destino e Livre-Arbitrio.....	67
EVANESCO: Perder os Nossos Heróis.....	77
RENNERVATE: Conhecimento e Perda da Inocência .....	87
EXPECTO PATRONUM: Solidão, Amizade e Comunidade ...	101
PROTEGO: Compaixão.....	113
FLAGRATE: Preconceito e Respeito.....	121
SONORUS: O Poder das Palavras.....	135
IMPERIO: Quebrar as Regras e o Perigo do Poder .....	143
RIDDIKULUS: Rir na Escuridão .....	157
WINGARDIUM LEVIOSA: A Insustentável Firmeza de Hermione.....	167
PETRIFICUS TOTALUS: Coragem .....	177
Agradecimentos .....	189

## Introdução

Quando peguei, pela primeira vez, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, tinha 12 anos. Por essa altura, já era demasiado tarde para receber a carta de aceitação em Hogwarts, mas isso não me impediu de ter esperanças. Eu e a minha irmã mais nova partilhámos os três primeiros livros e lemo-los e relemo-los até as páginas começarem a descolar da lombada. Depois de *O Prisioneiro de Azkaban*, recusámo-nos a continuar a partilhar os livros — queríamos as páginas todas para nós.

Todos os verões, eu, a minha irmã e os meus primos levávamos os livros do Harry Potter para a nossa casa de família junto ao lago, e ficávamos a lê-los, esparramados numa rede ou na ponta do cais de madeira, com os pés a abanar na água fria. Mandávamo-nos calar uns aos outros, para ninguém estragar surpresas, e juntávamo-nos para discutir o que tinha acontecido mal chegávamos todos à mesma parte. Independentemente de tudo o mais que pudesse acontecer — um de nós ir para o liceu ou acabá-lo, os nossos pais divorciarem-se... —, o Harry mantinha-nos juntos. Toda a vida quis ter um mundo mágico e secreto, e aqui estava um, mais bonito e real do que eu podia ter imaginado.

Na altura, não podia admiti-lo, mas agora já posso: sentia que as personagens eram minhas amigas. Aos 12 anos (sejas Muggle ou feiticeiro), o mundo começa a tornar-se um lugar estranho. Os teus pais passam a ser pessoas a sério, com falhas e defeitos, os teus amigos transformam-se em pessoas que já não consegues reconhecer, e, na maior parte dos dias, recusas-te a olhar para o espelho. Mas não importava quão confuso o mundo real ia ficando — os meus amigos

estavam sempre lá, onde os tinha deixado, em Hogwarts. E havia sempre magia à minha espera.

Sou professora de Literatura. Adorei muitos livros, e esqueci mais ainda; mas acredito que nunca (a sério, nunca) gostei tanto de ler um livro como *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. No sábado em que o livro foi lançado, tinha cometido a estupidez de marcar uma consulta importante. Ultrapassei o limite de velocidade em 30 quilómetros por hora e voei para a consulta, como se conseguisse acelerar o tempo se o desejasse com muita força... A médica tentou meter conversa enquanto me auscultava e pressionava, mas calei-a com um «estou com alguma pressa», enquanto lhe afastava a mão com um safanão. Mal ela terminou, vesti-me como se fosse uma comedianta burlesca (botões desirmanados, braguilha aberta, calças enfiadas nos sapatos), meti as meias no bolso e corri porta fora. Já estava no carro quando o telefone tocou. Era o meu namorado, a ligar de minha casa.

— Adivinha lá o que é que chegou pelo correio...

Desliguei e acelerei em todos os sinais amarelos. O fim de tudo estava à minha espera.

Para o último livro, impus-me regras. Só pararia de ler para comer e ir à casa de banho (tecnicamente falando, nunca as quebrei — mantive-me firme, enchendo a lombada do livro de migalhas e permanecendo sentada na sanita a ler até as pernas ficarem dormentes). Não atenderia o telefone. Não pararia até terminar. Para evitar ler demasiado depressa e espreitar os feitiços em itálico e maiúsculas (que provavelmente significariam que alguém estava a morrer), tapei a parte direita da página com um pedaço de papel, enquanto lia a parte da esquerda. Lendo deliberadamente devagar, demorei dez horas a ler 759 páginas... o que dá pouco mais do que uma página por minuto.

Da primeira vez que abri o último livro, percorri com o dedo as palavras na badana da capa: «Aqui apresentamos o sétimo e último volume da história épica de Harry Potter.» J.K. Rowling dedicara o livro à família e aos filhos, que tinham crescido com o Harry, o Ron e a Hermione como se fossem irmãos deles. Por fim,

dedicou-o a «você, leitores, caso tenham permanecido fiéis ao Harry até ao fim». Era o meu caso.

\*\*\*

Desde então, já regresssei ao Harry muitas vezes. Não há verão em que não volte a casa, a Hogwarts, e não releia a coleção toda. Ao fim de 20 anos (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi publicado em 1997), a magia continua toda lá, e não sou a única a ver na coleção um sítio para rever velhos amigos e lugares conhecidos, sempre fonte de orientação e conforto. Todos continuamos a regressar a casa a Hogwarts.

A coleção *Harry Potter* fala sempre com os leitores, quer tenham acabado de ler os livros pela primeira vez, de os reler ou de regressar a eles ao fim de muitos anos. (Atenção: se ainda não leu os livros ou viu os filmes, esta frase é um aviso de *spoiler*). Quando somos crianças, ficamos obcecados com os gelados de Florean Fortescue, com o facto de Hermione conseguir fazer o *Wingardium Leviosa* melhor do que qualquer um dos outros, com a beleza da Toca, e que bem que sabe odiar Snape e aprender com Dumbledore ao mesmo tempo que o trio. Quando somos adultos, começamos a perceber as pressões e os conflitos dos adultos na coleção e aprendemos coisas novas sobre a perda e o amor.

O presente livro explora as lições de vida que acho que podemos extrair da história de Harry. Da luz (como a necessidade de manter a nossa capacidade de nos maravilharmos, o conforto da comida, e os benefícios de ter um bom sentido de humor) à escuridão (como a coragem de resistir à opressão e a ausência de uma linha óbvia a separar o bem do mal), este livro analisa profundamente os sete livros e as personagens que os povoam, seguindo o rasto do modo como as suas histórias se encaixam nas nossas vidas, enquanto continuamos à espera da chegada das nossas cartas de Hogwarts.

Embora este livro não possa, de forma alguma, ser exaustivo (podia continuar a escrevê-lo para sempre, se tivesse tempo para isso), as lições que surgem uma e outra vez são sobre amizades

e amores que podem salvar-nos a vida. Alguns capítulos discutem o modo como os livros de Harry Potter são sobre dar valor às pessoas à nossa volta, ou sobre como conseguirmos ser as melhores pessoas que é possível com base nas cartas que a vida nos dá, tantas vezes horríveis, injustas ou apenas banais. Outros descrevem como a coleção se centra na maior batalha que alguma vez travaremos na vida: a luta contra o mal, seja a uma escala global ou nas pequenas batalhas do nosso dia a dia. Não há nenhum capítulo específico sobre o amor, porque todos os capítulos são sobre o amor. Ou o inverso do amor, porque o ódio também está presente — em Voldemort, e, por vezes, no próprio Harry. Mas tudo acaba, de uma maneira ou de outra, por ir ter ao amor: o amor da família, o amor dos amigos, o amor por nós mesmos.

Este ano, recorri a Harry Potter quando, no mesmo mês, um aluno meu morreu, um dos meus mentores morreu e eu comecei a ficar preocupada com o futuro do país. Apesar de o Harry não me ter salvado a vida ou espoletado uma história de amor (mas olhem que já ouvi dizer que fez ambas as coisas), o Harry Potter era aquilo de que eu precisava aos 12 anos, e continua a ser o que preciso aos 30. O Harry Potter é um feitiço para combater o desalento e a apatia que o mundo tenta construir em nós. Para mim, o Harry Potter será sempre uma fonte de alegria.

O percurso de Harry permitiu-nos acreditar na magia — não apenas na das vassouras voadoras, unicórnios, pessoas a serem transformadas em furões, em bules de chá ou em tartarugas, mas também na magia que podemos encontrar ao fazer novas descobertas, na amizade, nas pessoas boas que trabalham em conjunto para melhorar o mundo e em nós próprios. Os livros continuam a fazer efeito porque transmitem ao leitor a esperança na magia — do mundo e deles próprios —, a esperança de podermos sempre fazer melhor e a esperança de que, no fim, o bem acabará por vencer.



LUMOS:  
DESCOBERTA, ESPANTO E CETICISMO



**E**m criança, tinha a certeza de que havia magia em toda a parte. Estava só à espera de que ela me encontrasse. Muitas horas doridas passámos, eu e a minha irmã, a saltar do sofá com mantas na mão... Aterrávamos sempre de joelhos na carpete, mas nada nos dissuadia. Se tivéssemos paciência, alguma vez acabaria por acontecer: a carpete ganharia magia como um fósforo ganha lume, e não cairíamos ao chão.

Vi e revi *Matilda*, a história de uma criança com *poderes*, que conseguia fazer mover objetos com a força da mente. No meu quarto, rodopiava e imaginava as cartas que ela fazia girar à sua volta, num tornado de alegria. Passei horas a olhar fixamente para lápis e copos de água, à espera de um tremor que fosse. Quando o meu pai queria que guardássemos os brinquedos, dispunha as bonecas durante a noite como se estivessem a beber chá ou arrumava os ursos de modo a parecer que estavam a jogar à apanhada. Eu sabia que tinha sido ele, mas, de vez em quando, quando o meu pai saía para trabalhar, de manhã cedo, convencia-me de que tinham sido os próprios brinquedos a fazê-lo. A magia existia, mas era tímida, privada, frágil. Os brinquedos tinham vida e só paravam de se mexer quando olhávamos para eles. Aliás, paravam de se mexer *porque* olhávamos para eles.

E eis que chega Harry, um rapaz com mais magia do que eu podia imaginar. Embora os seus poderes sejam incríveis e ele acabe por precisar deles para enfrentar algumas das forças mais terríveis, no mundo e em si mesmo, alguns dos poderes mais sólidos ao longo da série não passam de magia na sua forma mais simples.

É em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* que pego quando quero recordar-me de como é ter 12 anos e ainda acreditar na magia. Apesar de tudo o que acontece depois, *A Pedra Filosofal* é o meu livro preferido da coleção, porque acompanhamos e sentimos o assombro de Harry perante a novidade deste mundo mágico, onde ele finalmente encaixa. Ficamos felizes quando Harry chega à Diagon-Al através do Caldeirão Escoante, que os Muggles não conseguem ver; partilhamos a curiosidade perante caldeirões que se mexem sozinhos, o preço exagerado do fígado de dragão, vassouras mágicas e Goblins com rubis gigantes em Gringotts. Harry, que se habituara à vida como sempre a conheceu, vê-se agora rodeado de coisas novas por todos os lados, como se estivesse a olhar para o mundo através de um painel de vidro acabado de limpar. E mesmo quando já está plenamente inserido no mundo da feitiçaria, e essa sensação de que tudo é novo começa a dissipar-se, os livros continuam a transmitir uma certa dose — ainda que mais pequena — de deslumbre infantil: Hogsmeade, a bela casa de banho dos Prefeitos, com as torneiras repletas de espuma e bolhas, dragões, a fantasia de conseguir voar e respirar debaixo de água e todas as curiosidades que existem no Departamento dos Mistérios. Consoante Harry vai ficando mais velho, é reconfortante saber que continuam a existir imensos segredos à espera de serem descobertos.

Ao longo da coleção, nem toda a gente olha para os segredos mágicos como uma fonte de novas possibilidades e descobertas. Em *O Cálice de Fogo*, Igor Karkaroff, antigo Devorador da Morte e diretor na escola de magia rival Durmstrang, está preocupado com a possibilidade de Viktor Krum contar a Hermione os segredos da escola. Krum e Hermione estão a divertir-se no Baile de Natal, a beber ponche e a saber mais sobre a vida de um e outro, mas Karkaroff recusa-se a encarar esta amizade como algo inocente. Ao substituir a vontade de aprender e a curiosidade por ciúmes, desconfiança e umbiguismo, Karkaroff é uma versão de nós próprios quando crescemos e já não perguntamos «o que é isto?», mas, sim, «o que é queres de mim?».

Para defender a sua posição, Igor diz a Dumbledore que «todos nós protegemos os nossos domínios privados, não é verdade?»

Não guardamos todos ciosamente as paredes do conhecimento que nos foi confiado? Não teremos bons motivos para nos orgulharmos de sermos os únicos a conhecer os segredos das nossas escolas e a ter a obrigação de as proteger?». Ao que Dumbledore responde: «Oh, eu nunca me lembraria de afirmar que conheço todos os segredos de Hogwarts, Igor» (*Cálice de Fogo*, 341), antes de fazer referência à Sala das Necessidades, que, no que lhe diz respeito, se enche de bacios. O próprio Dumbledore, que já assistiu a uma série de tragédias e ao melhor e pior do mundo da feitiçaria, é capaz de admitir que não sabe tudo sobre o castelo de Hogwarts, e que, mesmo com 113 anos, ainda consegue encontrar novas coisas para descobrir. Com ele, aprendemos que o sentido infantil do maravilhamento, tão fácil de perder e ultrapassar com a idade, pode ser reencontrado graças à curiosidade, e que Hogwarts continua a fornecer assombro e surpresa a quem for suficientemente curioso e tiver um espírito aberto.

A curiosidade implica o reconhecimento de que existe algo que não sabemos e que podemos ainda aprender. A curiosidade implica humildade. E, entre as muitas tragédias da vida de Voldemort, uma das maiores é a incapacidade para reconhecer o seu próprio potencial de curiosidade. Voldemort parte do princípio de que sabe mais do que qualquer pessoa à sua volta; tem a certeza de que sabe tudo e de que não existe nada que ele possa ainda descobrir. Ou seja, tem uma noção finita da sabedoria. Ao assumir que ninguém descobriu o segredo dos Horcruxes ou dos locais onde os escondeu, abre caminho para a sua própria queda — Harry, Dumbledore e até Draco Malfoy estão a par da existência da Sala das Necessidades. É a falta de curiosidade de Voldemort que leva à destruição do seu espírito.

Esta ideia de curiosidade e deslumbramento vai para lá dos objetos e da própria magia — é preciso também sentirmos curiosidade em relação às pessoas que nos rodeiam. Em *O Cálice de Fogo*, quando a ansiedade com o Baile de Natal começa a instalar-se, os rapazes descobrem algo novo sobre Hermione: «Mas o Ron olhava para Hermione como se, subitamente, a visse sob uma luz totalmente nova. “Hermione, o Neville tem razão... tu és uma rapariga...”» (327). E isto acaba por provocar uma das maiores discussões entre Ron

e Hermione, misturando a fúria dela por não ser vista como é, de facto (ou seja, como mais do que uma marrona obcecada), os ciúmes dele por causa de Victor Krum, assim como a confusão perante os seus próprios sentimentos. Porém, embora gere uma briga, esta nova curiosidade que ambos sentem um pelo outro abre-lhes a porta a uma vida mais rica, em que já não pensam apenas em si próprios.

Quando nos falha a curiosidade, essas portas permanecem fechadas para nós. Por muito dolorosas que as consequências de ir atrás da curiosidade pareçam ser, são necessárias para que nos tornemos ainda mais nós próprios. Harry lamenta a sua própria falta de curiosidade quando descobre, em *O Cálice de Fogo*, que os pais de Neville tinham sido internados para sempre, depois de serem torturados por Voldemort, e questiona-se por que motivo nunca lhe ocorrera perguntar a Neville pelos pais, quando tudo indicava que estava a ser criado pela avó. Não tinha sido uma questão de ter vergonha de perguntar nem receio de magoar Neville — simplesmente, nunca lhe passara pela cabeça perguntar a Neville o que quer que fosse sobre a sua vida. Se o tivesse feito, talvez tivesse surgido uma amizade mais profunda entre os dois mais cedo — a verdade é que, de certa maneira, ambos eram órfãos, e frequentemente colocados à margem. E, na verdade, quando Neville mata Nagini, a cobra de Voldemort, é esta ajuda que permite a Harry vencer a guerra.

Harry só vê em Neville um aliado importante quando acredita que está prestes a morrer. Se tivesse sentido curiosidade sobre a vida de Neville antes, teria conseguido um aliado fiel muito mais cedo, em vez de esperar pelo último momento, tão sério e final. O trio poderia ter sido um quarteto. Com Harry e Neville, aprendemos a ser curiosos perante as pessoas comuns à nossa volta, porque também elas podem ser uma fonte inesperada de magia.

Mesmo quando a história se torna mais complicada e Harry passa do modo descoberta para o modo sobrevivência, há alguém que, inesperadamente, mantém um deslumbramento inocente com as coisas mais comuns: Arthur Weasley. A sua paixão por objetos e tecnologia Muggle faz lembrar a de uma criança. Nos vários livros, deparamos com momentos de fascínio descomplexado, como quando insiste

com Vernon Dursely para que lhe fale da lareira «eclética», quando fica maravilhado com o modo como o torniquete do metro lhe engole o bilhete, ou quando admite colecionar tomadas (gosta tanto delas, que pendurou na parede do escritório um diagrama com instruções sobre como instalá-las, para poder olhar para lá todos os dias), ou mesmo quando, na Taça Mundial de Quidditch, fica «entusiasma-díssimo» ao tentar usar, imagine-se, um maço (*Cálice de Fogo*, 70).

Quando li a coleção pela primeira vez, era uma croma de 12 anos, e não pude deixar de achar os interesses do Sr. Weasley algo tão profundamente cromo, que não conseguia achar grande piada. Era o tipo de pai que me faria morrer de vergonha. Dezoito anos depois, olho para o Sr. Weasley como uma espécie de ponto de luz quando a escuridão ganha terreno. No fundo, é alguém que não teme ser exatamente quem é. A sua paixão pelas coisas mais comuns faz-nos perceber a importância de preservar a capacidade infantil do deslumbre. Conforme crescemos e vamos ficando mais céticos, é fácil não nos lembramos de procurar a maravilha e a alegria que possam existir no trabalho, nas preocupações ou nas coisas adultas mais aborrecidas, como pilhas de pratos para lavar, o maldito telefonema da companhia de seguros ou a ida ao dentista para mais uma desvitalização. Torna-se fácil darmos as coisas mais simples da nossa vida como garantidas. O Sr. Weasley iria adorar a oportunidade de usar o telefone ou o jato de água do dentista.

*Lumos* é um feitiço que cria luz onde ela não existe, para iluminar o que temos pela frente. A curiosidade é assim — permite-nos ver coisas novas e olhar para o que se segue com uma luz nova e melhor. Como estão a descobrir quase tudo pela primeira vez, as crianças olham para o mundo com olhos sempre novos, como se fossem uma varinha iluminada. Para elas, tudo o que é novo é mágico. A filha de uma amiga minha não se cansa de me dizer que é tudo lindo — desde a formiga minúscula que lhe corre pelo dedo até ao meu verniz vermelho lascado, as minhas meias, aquela flor silvestre branca. Quando nos habituamos ao mundo, perdemos essa capacidade de admirar o que é novo. Em cada livro, principalmente na personagem do Sr. Weasley, aprendemos a importância de criar a nossa própria

magia, já que uma parte da magia consiste em acreditar no desconhecido, num mundo que continua a surpreender-nos, resistindo ao ceticismo. Tal como o Sr. Weasley, podemos ter a esperança de encontrar a magia nas coisas mais mundanas. Tal como o meu pai, quando se levantava na escuridão para sentar os nossos ursinhos a beber chá, temos de criar a nossa própria magia.



AGUAMENTI:  
CASA, COMIDA, FAMÍLIA  
E SENTIDO DE PERTENÇA

Vivo na Califórnia há seis anos e ainda tenho dificuldade em chamar-lhe casa. Tirando pequenos períodos em Espanha e Boston, passei a maior parte da minha vida entre os invernos cinzentos e cheios de neve e os verões húmidos do Michigan. E também passei grande parte da vida a dizer que *jamais* viveria na Califórnia — era, simplesmente, demasiado longe. Na noite antes da mudança, tinha eu 23 anos, fiquei até tarde sentada, sozinha, no sofá em casa da minha mãe, sob um foco de luz amarelo, com um atlas aberto no regaço. Tracei com o dedo a viagem do Michigan até à Califórnia e, pela primeira vez, tomei consciência de quão *longe* de casa iria estar — para lá da dobra e mais do que os meus dedos, completamente esticados, conseguiam medir. Desatei a chorar, mas não disse a ninguém.

Harry não tem casa até aos 11 anos. Os Dursley deixam-no viver numa casa, é verdade, mas a estrutura física e o «quarto» debaixo das escadas é tudo o que ele tem. Enquanto vive com os Dursley, Harry é vítima de negligência e abuso, e visto como uma doença — indesejado, desagradável, inevitável. Acabamos por perceber que viver com os Dursley contribui para a segurança e sobrevivência de Harry, mas é mesmo só isso. Até as prisões mantêm (de um modo geral) as pessoas vivas.

É então que chega Hagrid, com o bolo de anos deliciosamente esborrachado e a promessa de melhores dias, e tudo muda. É esta a principal diferença entre a casa dos Dursley e primeiro verdadeiro lar de Harry, Hogwarts: a comida. Em casa dos tios, Harry só tem autorização para comer o que sobrar depois de o primo Dudley ter



saciado o apetite, ou então o que Dudley não quer. Em *A Câmara dos Segredos*, quando fica de castigo por causa do comportamento do elfo doméstico Dobby (que destrói o pudim da tia Petúnia), Harry fica trancado no quarto e só lhe é dada sopa de lata fria, passada pela abertura do gato.

Em casa dos Dursley, até a necessidade mais básica do nosso corpo é um símbolo do baixo estatuto de Harry. Os Dursley mal lhe permitem existir. Mas, mesmo nestas circunstâncias, Harry é altruísta: dá a única coisa que tem — os legumes empapados que tinham sobrado — à coruja *Hedwig*. Embora lhe tenha sido negada ao longo de quase toda a vida, Harry percebe que dar comida é um gesto de amor. É tudo o que pode fazer, por isso, fá-lo.

Quando chega a Hogwarts, Harry quase cai para o lado com a tremenda abundância de comida no banquete. Depois dos nervos da Seleção, o banquete transmite conforto. Na verdade, ano após ano, Hogwarts (graças aos elfos domésticos na cozinha) oferece paz através da comida. Talvez pareça uma coisa demasiado óbvia — que a comida conforta —, mas, para Harry, é novidade. A comida é um símbolo de que estão a tomar conta de nós, de que alguém se preocupa connosco, de que pertencemos a algo. Em Hogwarts, ninguém recebe menos ou pior comida do que os outros. Todos os alunos são iguais, independentemente do que lhes tenha acontecido ou de quem sejam filhos — todos merecem a mesma comida, os mesmos cuidados. Os banquetes são um local de reunião e união, não importa o que esteja a acontecer. Unem as equipas, mesmo quando passam a sentar-se em separado, após o regresso de Voldermort.

\*

Hogwarts relembra-nos que a comida pode ser um meio simples de conforto. Em *A Câmara dos Segredos*, é o chocolate quente que alivia Ginny depois do seu suplício, e, depois de tudo o que acontece a Harry durante esse ano, Dumbledore insiste que «Tu precisas de comer e de ir dormir» (269). Em *O Prisioneiro de Azkaban*, o chocolate de Lupin ajuda Harry a recuperar dos ataques dos Dementors.

E quando os Weasley estão à espera de saber se Arthur vai sobreviver aos ferimentos causados pelo ataque da cobra em *A Ordem da Fénix*, a primeira coisa que Sirius diz quando finalmente percebem que está bem é «pequeno-almoço!» (412).

\*\*\*

Enquanto os Dursley se recusam a dar comida, assim como recusam dar amor a Harry, Molly Weasley distribui ambos em abundância. Para ela, casa e comida são uma e a mesma coisa. As refeições de Molly são um contraste de tudo aquilo de que Harry carecia — plenitude, alguém a planear as coisas com antecedência e a tomar conta dele. Em *O Cálice de Fogo*, Harry é sujeito a uma dieta de verão ainda mais restrita do que o habitual, e, quando finalmente chega à Toca, senta-se à mesa diante dos cozinhados familiares de Molly e pensa: «para alguém que se alimentara durante todo o verão de bolos que, de dia para dia, se iam tornando mais rançosos e duros, aquilo era um verdadeiro paraíso» (54-5). Não era apenas *bom* ou *delicioso*, era *um verdadeiro paraíso*. O paraíso é o céu; o paraíso é o sítio para onde vais quando a tua alma deixa o corpo. Para Harry, o paraíso é a Toca.

Seria fácil reduzir Molly a um estereótipo — uma mãe a tempo inteiro, que se aflige se estiveres muito magro e garante que meteste meias limpas na mala. Mas seria um erro. Molly é uma daquelas heroínas discretas, sem as quais nada chegaria a bom porto. Quando Harry e os Weasley têm de se levantar cedo para a Taça Mundial de Quidditch, Molly já está a pé, com o pequeno-almoço pronto. Alimenta a Ordem da Fénix, sem fazer perguntas, a qualquer hora da noite. Faz questão de dar um bolo de anos a Harry sempre que pode. Mesmo após o regresso de Voldemort, quando toda a gente teme pela vida, Molly abre as portas de casa e a cozinha para celebrar o casamento de Bill e Fleur, assegurando que tudo está perfeito e ninguém passa fome.

Os cozinhados de Molly e a Toca dão às outras personagens força para enfrentar o mundo e lutar. Molly dobra-lhes a roupa lavada e não

larga o relógio para manter a família debaixo de olho quando todos os ponteiros apontam para «perigo mortal» (*Príncipe Misterioso*, 76). É um sol brilhante e imprescindível num mundo cheio de sombras. Para Harry, Molly e a Toca representam muito mais do que comida — são um lar; são família; são o que lhes permite viver.

Embora não reconhecido, o trabalho de Molly extravasa em muito o perímetro da Toca. Quer tenha ou não noção disso, Harry integra o sentido de generosidade dela como parte de si e leva-o consigo para Hogwarts. Quando Sirius, o padrinho de Harry e a ligação mais próxima aos seus pais, está em fuga do Ministério e escondido numa gruta, em *O Cálice de Fogo*, Harry faz questão de lhe mandar comida, porque «não se esqueceu do que é estar permanentemente com fome» (446). Quando Sirius certamente mais precisa — está a monte, ainda é considerado culpado por quase toda a gente, sobrevive à custa de ratazanas —, Harry partilha o sentimento de lar e família com o padrinho, ao enviar-lhe comida.

Harry dá mostras de uma generosidade parecida com a de Molly de outras formas, nomeadamente no modo como abdica, consistentemente, das suas próprias coisas em prol dos outros, como quando dá o dinheiro do Torneio dos Três Feiticeiros a Fred e George. Oferece uma das camisolas tricotadas por Molly a Dobby, o elfo doméstico, quando o ouve desejar ter uma, numa altura em que os outros alunos não sabem sequer que existem elfos domésticos. A fortuna poderia ter transformado Harry numa pessoa desconfiada e entediada, ou torná-lo egoísta, como os Dursley; mas, em vez disso, Harry opta por usar o que tem para tornar a vida das pessoas à sua volta um bocadinho melhor.

Como tantas mulheres, Molly cumpre as suas tarefas de forma discreta e sem reconhecimento. Há algo de intrinsecamente injusto neste modo de vida, e mais ninguém parece preocupar-se em saber de onde virá a comida — assume-se sempre que Molly resolve o assunto. Fred e George só começam a dar-lhe o devido valor quando saem de casa, e com um mero «agora somos nós que lavamos as nossas próprias meias» (*Príncipe Misterioso*, 274). No entanto, embora Molly mereça, sem dúvida alguma, reconhecimento, não

precisa disso para fazer o que tem de ser feito. É fácil cairmos na armadilha de só querermos saber se nos valorizam ou não, se reconhecem ou não o que estamos a fazer. E é, de facto, importante sentirmo-nos valorizados e vermos os nossos esforços reconhecidos, e quem me dera que as pessoas como a Molly o sentissem mais vezes. Porém, o altruísmo de Molly traz em si poder. Ela ensina-nos a tomar conta dos outros (enquanto pais, professores, assistentes sociais, enfermeiros), porque vai ser sempre preciso fazer esse tipo de trabalho. Podemos dispensar a necessidade de aprovação em tudo o que fazemos. Com Molly, aprendemos que, mesmo que o nosso trabalho pareça insignificante e pouco recompensado, os frutos colhem-se mais tarde. Geramos uma onda que vai rebenotar numa praia que ainda não vemos, mas cuja energia se faz sentir na mesma.

É só quando Harry, Ron e Hermione saem de casa de vez, para lutar contra Voldemort, e estão acampados na floresta de Dean, que tomam consciência de tudo o que Molly lhes dera. É assim com quase tudo — só percebemos a importância das coisas quando as perdemos. A questão da comida, de quem a encontrará e de como é que se manterão vivos é a principal preocupação do trio. A comida cimenta relações, e a falta de carinho e atenção destrói-as.

Partilhar comida é mais do que comer uma refeição — é uma extensão da família, da comunidade, uma cura para a solidão. Quando nos falta essa comunidade, tudo parece mais vazio. A comida perde o gosto. Em *O Cálice de Fogo*, quando Ron acha que Harry colocou o nome no Cálice para chamar a atenção e deixa de lhe falar, Harry passa a comer muitas vezes sozinho. Não há nenhuma descrição de comida deliciosa, como se os banquetes incríveis de Hogwarts não deixassem sequer registo na mente de Harry. Quando Ron muda de ideias e ele e Harry voltam a ser amigos, Harry «quase se esquecera do que era ter mesmo fome» (298). Amizade e saciedade estão em paralelo. Após a morte de Sirius, Harry escuta os colegas no Salão Nobre, à espera do jantar, e, na sua dor, «parecia-lhe impossível que ainda houvesse pessoas no mundo que fossem capazes de desejar comer» (*Ordem da Fénix*, 727). A solidão, tal como a fome, afeta-nos

profundamente o corpo. Precisamos de uma comunidade tanto quanto precisamos de comida e água.

Podemos encontrar um lar num espaço físico — como a cama de dossel de Harry no dormitório dos rapazes Gryffindor ou o quarto de Ron, com as paredes cobertas de pôsteres dos Chudley Cannons — ou na comida, mas também em pessoas. No fundo, o que gera a sensação de pertença numa estrutura familiar são as pessoas que constroem essa estrutura. No final de *O Cálice de Fogo*, Harry está na ala hospitalar, consumido pela culpa, por ter sido a sua insistência para que Cedric ganhasse com ele a Taça do Torneio dos Três Feiticeiros a causar-lhe a morte. A Sra. Weasley diz-lhe aquilo que ele mais precisa de ouvir: que a culpa não era dele. Mas é só quando Molly o abraça, que se desfaz em lágrimas, coisa que raramente acontece, «até contorcer o rosto para conter o uivo de infelicidade que se esforçava por sair», porque «ele não se lembra de alguma vez ter sido abraçado assim, como por uma mãe» (575). Este amor, que sempre faltara na vida de Harry, faz parte do lar de que ele anda à procura. Mesmo quando crescemos e nos tornamos mais rijos, por muito que finjamos que não, a necessidade de um amor como o de uma mãe corre-nos fundo nas veias.

Mas embora os Weasley sejam fantásticos com Harry, e Molly o considere um filho, nunca serão o mesmo que a família de Harry, por muito que ambos o desejassem. São a família que ele nunca teve, mas, ao mesmo tempo, nunca conseguirão suprir a sua falta. Tal como Harry, até Voldemort (quando ainda é Tom Riddle) fica obcecado por saber quem são os pais e que tipo de família teria tido se não fosse órfão. Em *O Cálice de Fogo*, Voldemort chega a usar a casa dos Riddle como quartel-general temporário. Tenta extrair poder do lar que poderia ter tido, se o pai não o tivesse abandonado, a ele e à mãe. Porém, como não está rodeado por uma comunidade ou uma família, mas apenas por pessoas que têm medo dele ou desejam um pedaço do seu poder, está, na verdade, sozinho. É essa solidão que faz com que o poder seja o seu único conforto.

Em última análise, também Harry está só. Quando entra na mente de Voldemort, em *A Ordem da Fénix*, e vê Arthur Weasley a ser atacado

por *Nagini*, no decurso de uma missão para a Ordem, Molly Weasley não podia ficar mais grata. Se não fosse Harry, Arthur teria provavelmente morrido. Não obstante, quando está sentado na Toca com os outros Weasley, à espera de saber se Arthur sobrevive ou não ao ataque, sente-se «[um intruso] naquele drama familiar» (412). Por muito que faça parte da família Weasley, em certas coisas, estará sempre de fora.

É por isso que Harry fica tão feliz quando descobre que Sirius é seu padrinho — vai finalmente ter uma família realmente sua. Quando ficou a saber que podia ir viver com ele, «Harry sentiu uma explosão na boca do estômago» (*Prisioneiro de Azkaban*, 302) e, ao aceitar, fez com que Sirius, que também nunca tivera uma família que o amasse, sorrisse com «o primeiro sorriso verdadeiro que Harry lhe conheceu. A diferença era atordoante, como se uma pessoa dez anos mais nova brilhasse através daquela máscara de fome». Quando Sirius morre na batalha no Departamento dos Mistérios em *A Ordem da Fénix*, Voldemort tenta possuir Harry, na esperança de levar Dumbledore a matar o rapaz por engano. No meio da dor causada pela morte do padrinho, Harry apercebe-se de que morrer significaria voltar a ver Sirius. É este pensamento («Vou voltar a ver o Sirius») que expulsa Voldemort da sua mente. Tamanha sensação de amor, pertença e família é mais do que Voldemort consegue suportar. A verdadeira inclusão numa estrutura familiar é algo palpável — sentimo-la até à medula.

A perda de um potencial lar com Sirius antecipa a potencial perda de Hogwarts. Quando o castelo fica parcialmente destruído na sequência da Batalha de Hogwarts, a perda é sentida como se fosse a perda de uma pessoa. Imediatamente antes de Harry se dirigir à floresta para se sacrificar, vê Ginny e começa a pôr tudo em causa. «Queria que o impedissem, que o arrastassem de volta, que o mandassem para casa. Mas ele *estava* em casa. Hogwarts fora a primeira e a melhor casa que conhecera. Ele, Voldemort e Snape, os rapazes abandonados — todos tinham encontrado ali uma casa...» (*Talismãs da Morte*, 555).

Quando Cedric morre, Harry vê os seus olhos «vazios e inexpressivos como janelas de uma casa deserta» (*Cálice de Fogo*, 515) — Cedric transforma-se numa casa vazia. Isto porque, para Harry,

a alma não se distingue de um lar. Ter vivido quase toda a vida sem casa foi para ele uma meia-vida, uma não-vida, uma espécie de morte espiritual. Harry vê nos olhos de Cedric uma casa vazia porque, sobretudo para Harry, o conforto de um lar é mais do que conforto — é uma necessidade.

\*\*\*

Quando o pai da minha amiga morreu de repente, fui ao apartamento dela com chocolates e uma planta num vaso. Não queria levar flores, pensei. As flores morrem. O que estava eu a fazer ali? Não fazia ideia. Outro dos nossos amigos tinha encomendado o jantar, e eu fiquei a ajudá-lo a desembulhar a comida. Colocámos os tabuleiros com caril e arroz numa pequena mesa articulada da filha dela no meio da sala e sentámo-nos no chão, em círculo. Embora a comida seja um símbolo de lar e pertença, conforto e carinho, às vezes não é o principal. Como quando a mãe do Neville lhe oferece invólucros de pastilha elástica vazios, não importa que já não tivessem nada dentro. Neville compreende o significado do gesto da mãe e guarda os papéis na mesma (*Ordem da Fénix*, 443). A planta que comprei para a minha amiga morreu pouco depois, mas aquele momento em que nos sentámos juntos num círculo, a partilhar uma refeição durante um período terrível, é o que fica.

Assim aprendemos que o lar, tal como a comida, é uma coisa temporária. Harry não pode ficar na Toca nem em Hogwarts para sempre. Até numa fase tão tardia como *Os Talismãs da Morte*, Harry anseia por encontrar um verdadeiro lar. Quando ele e Hermione têm a oportunidade de regressar a Godric's Hollow, onde ele vivera em bebé, apesar de não se recordar, Harry sente uma ligação ainda mais forte do que a que sentira em Hogwarts: «Estava prestes a voltar a casa, prestes a voltar ao sítio onde tinha tido uma família. (...) A vida que perdera nunca lhe parecerá tão real como nesse momento, em que sabia estar prestes ver o local onde ela lhe fora roubada» (267). Mas até Godric's Hollow é uma desilusão — não passa de uma ruína e um monumento, não é uma fonte de conforto.

Até podemos resistir, mas o nosso conceito de lar vai mudar com o tempo. A casa da nossa infância é vendida. Os nossos pais deixam de conseguir cozinhar para nós. Morrem pessoas da nossa família. O privilégio de um lar onde existe amor, seja qual for a forma que assume, é podermos tomá-lo por garantido. Uma e outra vez, teremos de passar pela sensação de perda para aprender esta lição.

Acontece que temos de ser nós a criar o nosso próprio lar. Temos de construir a nossa sensação de pertença. É por tudo isto que o final da coleção é tão comovente — embora eu tenha noção de que isto está nos antípodas do que muitos sentem. Harry consegue, finalmente, o lar que nunca tinha conseguido manter por muito tempo. Agarra em pedaços dos seus antigos lares (uma cicatriz da mãe, a magia de Hogwarts, a relação com Ron e Hermione e os nomes de James e Sirius) e constrói ele mesmo um.

Quando estava na casa dos 20 anos, mudei tantas vezes de casa, que nunca consegui decorar o meu apartamento. Sabia que iria acabar por voltar a partir, e não tornar a minha casa verdadeiramente minha tornava tudo mais fácil. Mas, ao fim de seis anos na Califórnia, eu e o meu marido conseguimos, finalmente, pendurar quadros e aparafusar as estantes à parede. Foi como se estivéssemos a dizer «isto é nosso e fomos nós que o fizemos». Sabemos quais são os melhores sítios nas redondezas para ir comer quando precisamos de conforto; olhamos para os nossos amigos e sentimo-nos em casa.

*Aguamenti* é o feitiço que faz aparecer água, e Harry usa-o em *O Príncipe Misterioso* para tentar ajudar Dumbledore, e, mais tarde, para apagar o fogo na casa de Hagrid. Embora Muggles como nós não tenham o *Aguamenti* à mão para o que der e vier, podemos ter sempre perto de nós as coisas e as pessoas de que necessitamos para construir um lar. À semelhança de Molly Weasley, Harry e Dumbledore, devemos aprender a criar aquilo que é preciso para erguer os nossos melhores lares. No final de um dia longo, encontramos conforto num espaço que nos é familiar, na comida, uns nos outros. Como Dumbledore afirma no final de *O Prisioneiro de Azkaban*, às vezes, uma chávena de chá vem mesmo a calhar. Ou um bom conhaque.



# ENCONTRE **SENTIDO** NA MAGIA

O primeiro livro da saga *Harry Potter* foi publicado há mais de duas décadas, mas continua hoje a atrair tantos leitores como então. Com um papel significativo na infância de milhões, muitos leitores, hoje adultos, voltam aos livros uma e outra vez, como quem visita velhos amigos. Porque as aventuras de Harry Potter não se limitam a entreter, são também uma fonte de conforto, orientação e sabedoria para lidar com a vida.

*As Lições de Vida de Harry Potter* são um olhar mais profundo sobre a sabedoria dos sete livros. Através de uma combinação de crítica literária, análise e experiência pessoal, a autora analisa os temas tratados ao longo dos livros e as lições que todos podemos daí retirar. Da luz à escuridão, de Albus a Voldemort, os textos deste livro abordam o poder feminino, a importância das palavras, o destino vs. o livre-arbítrio, a fronteira entre o bem e o mal e, sobretudo, a magia e o poder do amor.

**Um livro obrigatório para qualquer *Potterhead*  
– quer tenha crescido com Harry quer esteja  
a descobrir a magia pela primeira vez.**

<p><b>v o g a i s</b> com todas as letras <b>20 20 editora</b></p>	<p>ISBN 978-989-668-461-7  9 789896 684617 Desenvolvimento Pessoal</p>
--	---